



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 16/02/2018

BRASIL	2
Mercado de hacienda: oscilante en 2017	2
INDONESIA promete aprobar exportaciones brasileñas de carnes bovinas	2
Exportaciones de hacienda en pie en la mira de entidades protectoras.....	2
Gestionan mayor apertura en SINGAPUR	4
MALASIA enviaría una inspección sanitaria para aprobar establecimientos.....	4
URUGUAY	5
La oferta de ganado bien terminado es insuficiente y el novillo llega a US\$ 3,20/kg	5
CHINA explica el 42% de los ingresos por venta de carnes del URUGUAY	5
Pocos negocios al final de ProdExpo Moscú Ausencia de Brasil no se está sintiendo	6
Crisis hídrica se amplía y predomina en todo el territorio uruguayo	7
Sugieren aplicar la vacuna contra la fiebre aftosa en forma subcutánea	7
PARAGUAY	8
ARABIA SAUDITA Informe preliminar positivo de la reciente auditoría.....	8
Mermó la exportación de carne	8
TAIWÁN, habrá arancel cero para 54 productos desde marzo, entre ellos la carne bovina	9
Acuerdo UE-Mercosur afectará, advierte UIP	9
ACUERDO UNIÓN EUROPEA - MERCOSUR	9
Entidad europea solicita que se proteja al sector agropecuario en las negociaciones.....	9
ESTADOS UNIDOS	10
Proyectan aumento de la producción de carnes bovinas en 2018.....	10
COREA DEL SUR: fue capital en el incremento de las exportaciones de carnes bovinas	11
Sector ganadero enciende una alarma por la carne “cultivada” – Analisis de sus implicancias.....	11
VARIOS	13
CHINA Fuerte aumento en los precios de productos agropecuarios y alimentos.....	13
RUSIA: confirmó foco de AFTOSA.....	13
EMPRESARIAS	13
Murió el fundador de Minerva Foods.....	13
McDonald’s aumentará la oferta de pollo en su menú	14



BRASIL

Mercado de hacienda: oscilante em 2017

A dança das cotações em 2017 - Mercado do boi gordo

Sexta-feira, 16 de fevereiro de 2018 - A queda.

Em 2017 a cotação da arroba do boi gordo caiu em média 8,7%, comparada a 2016. Uma queda em valores absolutos de R\$13,45/@.

O ano passado trouxe consigo diversos problemas extra mercado que influenciaram diretamente a cotação da arroba.

A subida.

Ao fim de 2017 a cotação da arroba do boi gordo fechou em R\$146,50, à vista, livre de Funrural.

Se descontarmos o imposto do preço da arroba no primeiro dia de 2017, a arroba estaria cotada, na época em R\$145,50, nas mesmas condições. Ou seja, apesar da cotação média anual ter sofrido desvalorização, o ano terminou com alta de 0,7%*.

dança das cotações em 2017 - Mercado de reposição

Sexta-feira, 16 de fevereiro de 2018 - No mercado de reposição, a cotação do bezerro anelado desmamado caiu 15,4% em 2017. Este número equivale em valores absolutos em R\$194,46 por cabeça, considerando um animal com 6@**.

A queda mais profunda.

Historicamente, em anos de preços em queda, considerando o ciclo pecuário de preços, a cotação do bezerro cai mais do que a cotação arroba do boi gordo. Em 2017 não foi diferente, o ágio médio da cotação da arroba do bezerro que era de 26,7% em 2016 caiu para 21% em 2017, uma queda de 5,8 pontos percentuais.

Contração feroz.

O mercado de reposição está profundamente correlacionado com o mercado do boi gordo, além disso a crise inusitada, vivida em 2017, implicou em contração ainda mais feroz das cotações.

**Preços vigentes nas praças pecuárias de São Paulo.

INDONESIA promete aprovar exportaciones brasileiras de carnes bovinas

Fonte: Mapa, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.14/02/18 - O ministro da Agricultura da Indonésia, Andi Sulaiman, disse, nesta segunda-feira (12), que o país asiático vai abrir seu mercado de carne bovina para o Brasil. A notícia foi confirmada durante audiência com o secretário-executivo do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), Eumar Novacki, em Jacarta.

“Vamos nos reunir com os demais ministérios para estabelecer cota para o Brasil e acelerarmos esse processo. Iremos ao Brasil em missão de visita, o mais breve possível, conhecer o País e os métodos de produção. Sabemos da superioridade da carne brasileira no mercado mundial”, disse Sulaiman a Eumar Novacki.

Novacki destacou a importância do mercado indonésio ao pontuar que o país tem 265 milhões de habitantes, o quarto mais populoso do mundo, e sua economia cresce cerca de 5% ao ano, ou seja, um economia em expansão, com grande demanda por alimentos e um baixo consumo de proteína em comparação com a média mundial. O Brasil também prospecta a exportação de frutas, lácteos, entre outros produtos para a Indonésia.

“Podemos apoiar a Indonésia não apenas fornecendo nossa carne de alta qualidade a preços competitivos, mas também cooperar na área de genética bovina, melhoramento de pastagens, cruzamentos industriais e exportação de animais vivos para confinamento”, disse Novacki.

O Brasil exporta para Indonésia US\$ 1,5 bilhão de dólares por ano (80% das nossas exportações para o país) em produtos agropecuários e importa US\$ 0,5 bilhão. Os principais produtos exportados pelo Brasil são: Complexo de Soja (37%), Açúcar (25%), Algodão (20%) e Milho.

A Indonésia exporta US\$ 40 bilhões de dólares por ano, sendo o 6º maior exportador do mundo. Os principais produtos indonésios exportados são óleo de palma, produtos florestais, borracha, pescados e café. O país asiático importa US\$ 20 bilhões de dólares ao ano, principalmente trigo, açúcar, complexo de soja, algodão, frutas, carne bovina e milho.

Exportaciones de hacienda en pie en la mira de entidades protectoras.

Fonte: O Estado de São Paulo. 14/02/18 - por Equipe BeefPoint A venda de gado vivo por frigoríficos brasileiros ganhou os holofotes no início deste mês, quando duas organizações não governamentais conseguiram decisões judiciais que impediram que um navio carregado com 25 mil animais seguisse viagem à Turquia. A embarcação acabou sendo liberada, em função de um recurso do governo federal. O



caso jogou luz sobre um setor que vem crescendo cerca de 20% ao ano e se tornou alternativa de receita para pecuaristas e empresas de alimentos, como a Minerva Foods. Entidades ligadas ao bem-estar animal, porém, pretendem continuar a tentar barrar a atividade.

Embora a venda de gado vivo seja uma prática antiga, esse segmento da pecuária ganhou força no início desta década, quando as vendas externas chegaram a 690 mil animais. De 2010 a 2012, o principal destino dos bois brasileiros eram os frigoríficos da Venezuela. Com a severa crise econômica do país vizinho, as vendas despencaram em 2015. Para viabilizar o negócio, pecuaristas acharam um novo cliente: o mercado de religião islâmica. De 2016 para cá, as vendas voltaram a subir, até atingirem US\$ 263 milhões em 2017, segundo o Ministério do Desenvolvimento, mas ainda bem longe do auge em volume (veja quadro).

Movimentação de animais

Exportação de gado vivo está em crescimento no Brasil, que hoje é o quinto maior mercado mundial nesse setor

É um número pouco relevante diante dos abates anuais no País, que somam entre 35 milhões e 40 milhões de cabeças por ano, diz César Castro Alves, analista de pecuária da MB Agro. A fatia de 1% dos abates, na visão do especialista, não deve subir de forma significativa, pois o mercado global de bovinos vivos não cresce de forma significativa – o total movimentado está estacionado em cerca de 5 milhões de cabeças por ano. “É um nicho alimentado por questões religiosas. Pode ser boa opção para quando os preços estão ruins, pois vender boi vivo não agrega valor ao produto”, aponta Alves.

Alvo. Apesar de o mercado como um todo não crescer, tanto empresários quanto o Departamento Americano da Agricultura (USDA) preveem altas de 20% a 30% nas exportações brasileiras em 2018. A Minerva Foods, dona da carga que foi retida em Santos, domina cerca de 40% das vendas de animais vivos – segmento em que as líderes em bovinos no País, JBS e Marfrig, não atuam. Procurada, a Minerva não deu entrevista.

Uma explicação para o interesse no negócio é o fato de os países muçulmanos pagarem prêmios sobre a cotação de referência do gado. Uma fonte ligada às exportadoras esclarece que os compradores exigem raças específicas – o gado Nelore, símbolo do plantel brasileiro, não é aceito em países muçulmanos, que preferem a raça Zebu. Diante das exigências, é necessário esforço para angariar animais para a venda externa, o que acaba se refletindo no preço pago pelo comprador. Entre as outras empresas nacionais com atuação relevante na exportação de gado vivo estão Mercúrio e Agroexport.

Para crescer, os empresários se movimentam para abrir novos mercados. Hoje, mais da metade das vendas brasileiras são para a Turquia. Missões comerciais, no entanto, já buscam clientes na Malásia e na Indonésia – dois países hoje atendidos sobretudo pela Austrália. A avaliação é que, se a estratégia der certo, as vendas de gado vivo podem crescer mais 50%, para 600 mil unidades por ano, até 2023.

Porém, entidades como o Fórum Nacional de Proteção e Defesa Animal e a Agência de Notícias de Direitos dos Animais (Anda), que conseguiram suspender a venda de boi vivo por alguns dias, não estão dispostas a arrear pé da tentativa de paralisar o setor.

“Nossa luta é pelo respeito aos animais, que não estão contemplados nas regras de exportação brasileiras, que se limitam a aspectos sanitários”, diz Vânia Plaza Nunes, médica veterinária e diretora técnica do Fórum Animal. A briga com os frigoríficos é de longo prazo. Segundo ela, novos recursos para voltar a paralisar as vendas de gado vivo serão apresentados nas próximas semanas.

Animais viajam 16 dias para chegar ao porto de destino

A exportação de cargas de animais vivos é feita por meio de navios especialmente desenhados para este fim. As embarcações de maior porte – a maioria delas desenvolvida na Austrália, tradicional exportador de gado para países de religião islâmica – conseguem transportar até 30 mil animais por viagem. Foi um desses meganavios que ficou temporariamente parado no Porto de Santos com 25 mil bois, no início do mês, por decisão judicial.

O transporte de gado vivo até a Turquia – que envolve a captação de animais de diferentes pecuaristas, o transporte de caminhão até o porto, o embarque, a viagem e o desembarque – leva, em média, cerca de um mês para ser completado.

O embarque do gado no navio pode demorar de cinco a sete dias, dependendo do tipo de caminhão usado para a operação. Em caso de cargas de mais de 25 mil bois, como a da Minerva, as empresas preferem usar caminhões de dois andares, para agilizar o processo – a prática, no entanto, é vedada em portos como o de Santos.

Após o navio zarpar, a viagem até a Turquia – principal destino de animais brasileiros – dura cerca de 16 dias. Uma vez em solo turco, a inspeção e o desembarque da carga estende a operação por mais cinco e sete dias.

Ações movidas por organizações não governamentais levaram a Justiça Federal paulista a agendar uma inspeção no navio que ficou parado em Santos. O laudo judicial detectou “condições de higiene muito precárias” e ambiente “insalubre” para os animais. O documento será uma das bases do recurso que o Fórum Nacional de Proteção e Defesa Animal prepara para apresentar à Justiça.



Navio levou 25 mil bois vivos do Brasil para a Turquia Foto: Carlos Nogueira/Tribuna de Santos

“É uma atividade que não agrega valor para a economia e só beneficia poucos empresários”, diz Vânia Plaza Nunes, diretora técnica da organização não governamental. “A taxa de mortalidade é muito alta, de 10% de um total de 25 mil animais”, afirma.

Fonte ligada aos exportadores disse, no entanto, que esse índice de perdas na exportação simplesmente inviabilizaria o negócio e espantaria os compradores. E frisou que a média de mortes seria bem menor, da ordem de 0,1%. Ou seja: cerca de 25 bois, em uma carga de 25 mil, iriam a óbito durante o transporte de navio.

A Associação Brasileira dos Exportadores de Gado (Abeg) disse, em e-mail enviado à reportagem, que existe desinformação em relação à venda de gado vivo e reforçou a preocupação do setor com as condições dos animais durante o processo de exportação.

“O bem-estar animal faz parte da sustentabilidade da atividade. Um boi sem bem-estar causa prejuízos (ao vendedor)”, disse a entidade, referindo-se à noção de que o um animal sujeito a altos níveis de estresse pode resultar em produto final de qualidade menor.

Retorno. Líder no segmento, a Minerva se pronunciou sobre as críticas de entidades ambientais por meio de nota. “O manejo do gado (de exportação) segue todos os procedimentos adequados para preservar o bem-estar dos animais durante o transporte, embarque e no decorrer da viagem até o destino”. A empresa também lembrou que a atividade é regulada pelo Ministério da Agricultura. Procurado, o ministério não concedeu entrevista.

Gestionan mayor apertura en SINGAPUR

14/02/18 - por Equipe BeefPoint O Secretário-executivo do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), Eumar Novacki, reuniu-se nesta sexta-feira (9) com o ministro da Agricultura de Cingapura, Lim Kok Thai, e representantes da Autoridade Agroalimentícia de Cingapura (AVA) para pedir rapidez na habilitação de plantas frigoríficas brasileiras e atestar a qualidade das carnes exportadas pelo Brasil.

A atratividade de Cingapura reside no fato de a cidade-estado não ter produção agrícola relevante e possuir um Produto Interno Bruto (PIB) de US\$ 300 bilhões (2016) para uma população de 5,6 milhões de habitantes e pelas facilidades para o comércio que a desenvolvida infraestrutura portuária e aeroportuária do país proporciona. Apenas 3% da importação agropecuária de Cingapura é de produtos brasileiros. Os principais itens importados são carnes in natura, de frango, suína e bovina. Daí, a importância de acelerar a liberação de plantas frigoríficas brasileiras.

Na reunião realizada no Ministério da Agricultura de Cingapura, Novacki reforçou que o governo brasileiro tem interesse em atrair mais investimentos para o agronegócio nacional e apresentou vantagens do ambiente de negócios no país. “Temos uma lei ambiental das mais modernas do mundo, preservamos 66% da vegetação nativa do país e incentivamos as empresas a trabalharem nos mais altos padrões de sustentabilidade, com cultura ética, responsabilidade social e ambiental. Portanto, o Brasil produz alimentos de qualidade com preservação ao meio ambiente e queremos ser reconhecidos por isso”.

Novacki destacou também mudanças na inspeção sanitária, depois da Operação Carne Fraca da Polícia Federal. Ele explicou que a operação foi para coibir desvios de conduta de fiscais e que não questionou, em nenhum momento, a qualidade das carnes brasileiras. Segundo ele, a crise serviu para o Mapa tornar mais rígidos os protocolos de exportação. “Atualizamos o nosso regulamento de inspeção sanitária, trazendo regras mais modernas, de acordo com novas tecnologias, tornando o processo mais transparente. E, em paralelo, lançamos o Programa Agro+Integridade, que trata de ações voltadas para a ética na administração.

A delegação brasileira, que está em missão na Ásia, também manteve reunião com investidores locais na sede da embaixada brasileira. A comitiva é composta por integrantes do Mapa, do executivo nacional, de governos estaduais e de representantes de empresas e entidades ligadas ao agronegócio.

Fonte: Mapa, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

MALÁSIA enviaría una inspección sanitaria para aprobar establecimientos

16/02/18 - por Equipe BeefPoint O ministro-chefe do Departamento de Desenvolvimento Islâmico (Jakim), Seri Jamil Baharom, confirmou na quarta-feira (14) ao secretário-executivo do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Eumar Novacki, que virá ao Brasil em missão conjunta com o Ministério da Agricultura da Malásia, em junho, para habilitar plantas frigoríficas brasileiras para a exportação de carnes à Malásia.

Jakim é o órgão responsável pelo abate halal (forma de abate de acordo com preceitos muçulmanos) na Malásia. Representantes do departamento já se reuniram com as autoridades certificadoras halal do Brasil para ajustar as exigências e viabilizar a habilitação de plantas que foram desabilitadas e habilitar novas. O Brasil tem 12 estabelecimentos a serem habilitados e certificados.



“Temos a intenção de aumentar o comércio bilateral e ampliar a pauta de negociação com o Brasil. Vamos enviar missão ao Brasil em junho de 2018”, disse Baharom. Ele também destacou a intenção da Malásia de importar mais produtos brasileiros e estabelecer termos de cooperação técnica voltada para o setor produtivo em seu país.

Novacki enfatizou o grande potencial para o aumento de acordos entre os dois países e destacou três pontos de interesse da pauta brasileira: frutas, lácteos e carnes.

“Queremos estar presentes no mercado malaio, pois temos produtos de qualidade, com preços competitivos e produzidos de maneira sustentável. Da mesma forma, queremos ouvir de vocês quais são os produtos de interesse para exportarem ao Brasil”, disse Novacki durante o encontro com autoridades malaias em Kuala Lumpur.

O Produto Interno Bruto (PIB) da Malásia é de US\$ 300 bilhões (2016) para uma população de 38 milhões de habitantes em uma área de 330 mil km², do tamanho do estado do Maranhão. A pauta de exportações do Brasil para a Malásia está centrada no complexo sucroalcooleiro (60%), e em cereais, farinhas e preparações (20,5%).

URUGUAY

La oferta de ganado bien terminado es insuficiente y el novillo llega a US\$ 3,20/kg

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador Febrero 16, 2018 05:00

Con cuatro semanas al hilo de faena por encima de las 50.000 cabezas, la demanda industrial sigue superando a la oferta de vacunos y da sostén a los precios. En negocios puntuales por novillos gordos especiales se cruzó los US\$ 3,20 por kilo carcasa, en lotes de volumen, próximos a planta y con carga rápida, aunque los precios tienden a estabilizarse. La mayoría de los negocios para novillos gordos se concretan entre US\$ 3,15 y US\$ 3,20, valores que ya se conseguían la semana pasada. Los ingresos a plantas en general no superan una semana.

Para la vaca la lógica es similar. Las ventas se concretan entre US\$ 2,85 y US\$ 3 por kilo carcasa. En el caso de la vaquillona, los valores siguen impulsados por las compras principalmente destinadas al mercado interno, con negocios que rondan los US\$ 3,10 por kilo.

En la medida que se demoran las lluvias, comienza a subir la oferta de ganados más generales, de escasa terminación, pero no ha sido tan voluminosa como para presionar los valores a la baja.

Para los próximos días se espera que el mercado siga firme en la medida que la industria mantenga alta la actividad de faena, que en la semana del 10 de febrero totalizó 51.494 cabezas. La cifra está apenas por encima de los 51.379 animales enviados a planta la semana anterior y 2% arriba de las 50.497 cabezas de igual período del año pasado, según los datos publicados por el Instituto Nacional de Carnes (INAC).

En el acumulado del año sí hay una suba marcada, con 290.965 vacunos, 30% más que los 223.358 de igual período de 2017. Del total faenado entre el 1° de enero y el 10 de febrero, 138.261 fueron vacas (47,5%) y 146.873 (50,5%) novillos. Un 19% de suba interanual en el caso de las vacas y 43% más novillos faenados que un año atrás.

Precio de exportación estable

El precio semanal de exportación quedó casi sin cambios respecto a la semana anterior, en US\$ 3.504 por tonelada. El promedio en lo que va del año quedó casi empatado con el mismo período de 2017, con US\$ 3.412.

CHINA explica el 42% de los ingresos por venta de carnes del URUGUAY

Febrero 13, 2018 Exportaciones totales del sector crecieron 17% en lo que va del año

Considerando al total de las exportaciones cárnicas que Uruguay concretó este año, medidas en dólares y al 3 de febrero, China explica el 42% de las divisas que el país ha conseguido, lo que equivale a US\$ 78,4 millones del total de US\$ 186,4 millones que se han obtenido en los negocios concretados en poco más de un mes de este nuevo ejercicio.

Según datos proporcionados a El Observador por técnicos del Instituto Nacional de Carnes (INAC), al mercado chino le sigue en importancia el Nafta (de momento Estados Unidos y Canadá en cuotas casi iguales), con el 14,9% que corresponde al monto de US\$ 27,7 millones. El podio lo completa la Unión Europea, que adquirió carnes por US\$ 27,1 millones, el 14,6% de las divisas que ingresaron al país.

Luego siguen en el ranking el Mercosur (básicamente Brasil con una participación menor de Chile, Argentina y Paraguay) con 8,3%, Israel con el 8%, la Federación Rusa con el 6,3%, Islas Canarias con el 1,1% y otros destinos con el 4,9%.

Si se comparan los datos expuestos con lo que sucedía a esta altura de 2017, entonces China explicaba el 37,1%, la Unión Europea el 23,8% y el Nafta el 10,1%.

Participaciones y destinos por rubro



Si se segmentan las colocaciones por rubros de la agroindustria cárnica, en el caso de la carne de vacuno (explica el 80,1% del total de divisas ingresadas), China aparece al tope del ranking sea la medición en dólares o en volumen. Concretamente, el mercado chino captó el 46% de las carnes de bovino que Uruguay exportó (peso canal) y es responsable del 40% de las divisas que el país obtuvo (dólares).

En el caso de la carne de ovino (explica el 3,6% del total de divisas ingresadas), es el Mercosur quien lidera el ranking en ambas mediciones: con Brasil como destino básico captó el 44% de las carnes de lanar que Uruguay embarcó (peso canal) y es responsable del 56% de las divisas que el país consiguió (dólares) en lo que va del año.

Exportaciones en alza

En lo que va del año ingresaron al país, como se indicó, US\$ 186,4 millones por el total de las carnes exportadas, lo que significa un 17% más en relación al ingreso logrado a esta altura en 2017.

En el caso de la carne bovina, las exportaciones aumentaron 15% si se mide en dólares y crecieron 15% en volumen. En la carne ovina disminuyeron 2% en dólares y 13% en volumen.

Este año el precio promedio de la tonelada de carne vacuna exportada se ubica en US\$ 3.418, apenas por encima de los US\$ 3.412 del año pasado; en el caso de la carne ovina está en US\$ 4.710, bastante por encima del registro de 2017 al 3 de febrero, US\$ 4.175.

Se está faenando más

En materia de actividad en las plantas frigoríficas habilitadas, en lo que va del año, siempre en base a datos del INAC, la faena bovina se incrementó 8% y acumula 239.471 cabezas, en tanto la ovina creció 27% y llegó a 117.498 cabezas, siempre comparando lo sucedido en 2017 y 2018 a inicios de febrero.

Pocos negocios al final de ProdExpo Moscú Ausencia de Brasil no se está sintiendo

10/02/2018 - La ausencia de Brasil, que junto con Paraguay son los grandes abastecedores del mercado, no redundó en más negocios con carne vacuna uruguaya en Rusia, ni antes, ni durante la reciente feria ProdExpo Moscú.

La carne vacuna brasileña lleva varios meses fuera del mercado ruso por problemas sanitarios y la veda también alcanza a la carne suina de ese país, ya que los rusos detectaron restos de un anabólico - raptopamina- muy usado en cerdos.

“No se nota en el mercado que la ausencia de Brasil haya tenido un impacto y habrá que esperar algunos meses más para ver qué sucede con eso”, aseguró desde Moscú a El País el presidente del Instituto Nacional de Carnes (INAC), Federico Stahman al final de ProdExpo.

Fueron cuatro los exportadores uruguayos que participaron en esta edición de la feria alimentaria referente para los países de la Federación Rusa y Europa del Este. Tres son frigoríficos exportadores de carne vacuna y ovina, a los que se suma una delegación de brokers y traders.

“No había mucha expectativa con la feria y de los cuatro exportadores, la novedad es que uno es Granja Tres Arroyos, empresa de carne aviar, que pidieron estar presente. Tienen expectativas en este mercado y la empresa desde Argentina exporta bastante a este destino. Es interesante que tengan en cuenta la posibilidad de hacerlo desde Uruguay”, destacó Stanham.

En esta ocasión el stand del INAC tuvo 98 metros cuadrados desarrollados en una sola planta con el mensaje en la calidad del proceso productivo, la pasión y la búsqueda de altos estándares. Ese mensaje se unió al motivo del fútbol y el slogan usado fue: “Compartimos una misma pasión: la calidad”.

Según dijo el jerarca, el stand de INAC fue muy visitado y “nos sorprendió la afluencia de público, mucho más que la esperada, principalmente el segundo y tercer día”, pero aclaró que esa buena presencia de visitantes “no quiere decir que se esté vendiendo mucho más”.

Negocios. Las ferias le otorgan a los exportadores y operadores la posibilidad de tomarle el pulso al mercado y afianzar la relación comercial con sus clientes, pero por lo general, no se hacen tantos negocios.

El presidente del INAC señaló que el mercado mostró “el mismo tono de lo que viene siendo el mercado ruso durante los últimos 12 meses, donde viene comprando mucha menudencia, principalmente hígados y algo de corazón”. A eso hay que sumarle la venta de “algunos trimming (bloques de carne picada para procesar) de menor valor, que en algunos casos compensa colocarlos en Rusia antes que en otros mercados, pero esa fue la tónica de 2017 y esa tendencia se sigue viendo hoy”, destacó Stanham.

En Rusia el consumo de carne vacuna disminuyó. “La Rusia de 2006 ya no está”, aclaró el jerarca. Ese año los importadores rusos compraban altísimos volúmenes y pagaban precios destacados. Rusia fue el principal comprador en volumen de carne bovina y menudencias, luego, con los años, en caso de Uruguay, pasó a ser sustituida por China.

“Era muy importante comprender esa situación y ver, en función de eso, qué políticas públicas hay. Nos vamos con algo de información para pensar un poco cuál debería ser el trabajo del Uruguay y del INAC en este mercado”, dijo Stanham. Incluso en carne bovina en lugar de importar más, los rusos impulsaron proyectos de producción de carne de alta calidad con éxito, pero aún no han logrado pleno abastecimiento. “La Rusia que conocimos en los primeros años de los 2000 ya no existe. Los precios que



pagaban eran una burbuja. Ellos están teniendo producción propia y el consumo de proteína animal, en 10 años, creció 30% pero lo hizo en base a cerdo y ave”, dijo desde Moscú el presidente del INAC.

Cabe recordar que los países de la Unión Europea, Estados Unidos y Australia que son abastecedores del mercado ruso tampoco están presentes en el mercado. “Desde que se aplicaron sanciones a Rusia y los rusos aplican el embargo a algunos países, ellos hicieron una política muy fuerte de aumentar su producción propia. En el caso de la carne de cerdo y de ave, que son procesos más simples que la carne vacuna han logrado en cuatro o cinco años un nivel de autoabastecimiento importante y ya no son dependientes, hoy por hoy, de las importaciones”, remarcó Stanham.

La feria de ProdExpo Moscú cumplió 25 años y ocupa una superficie de 10 hectáreas, con más de 2.300 expositores provenientes de 63 países. En esta edición, el INAC recibió un certificado de reconocimiento por contribuir al desarrollo de la feria por su participación durante 12 años.

Las proyecciones de importación de Rusia para carne bovina son en niveles algo inferiores al del año pasado, unas 480.000 toneladas carcasa. El mercado ha sido abastecido por Brasil, Paraguay y Belarus. Uruguay, Argentina y Colombia tienen una participación menor.

En adelante, con una demanda y un poder de compra estable, cómo juegue Rusia para el sector exportador de Uruguay dependerá de la situación de la oferta, y puntualmente del tiempo en que se prolongue la suspensión a las importaciones desde Brasil.

Hoy, incluso los exportadores paraguayos, tampoco detectaron que haya una demanda mayor de carne bovina por la ausencia de Brasil. Es común que Rusia desliste temporalmente algunos países.

Crisis hídrica se amplía y predomina en todo el territorio uruguayo

14/02/2018 - Disponibilidad de agua en los suelos son escasas y nulas.

La Unidad Gras del Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria actualizó este miércoles la estimación de agua disponible en el territorio uruguayo en base a la primera década de febrero (entre los días 1 y 10).

El analista meteorológico, José María Rodríguez, dijo a Rurales El País que la publicación marca un “muy bajo” porcentaje de agua disponible, entre 0 a 20%, en los departamentos del Centro y Norte del país. “Comparado con la última década de enero la crisis hídrica se ha ampliado”, aseguró.

También se han incrementado las zonas amarillas, donde la disponibilidad de agua oscila entre 21 al 40%, debido a las faltas de precipitaciones en las últimas semanas. Las regiones “rojas” y “amarillas” son las que predominan en todo el Uruguay, comentó el especialista.

Rodríguez dijo que las zonas “verdes”, que presentan una disponibilidad de aguas en los suelos de 41 a 60%, son escasas y se ubican al Sur de colonia y al Noreste de Canelones, como consecuencia de las lluvias del pasado fin de semana, y en Maldonado, debido a las precipitaciones de más de 200 milímetros que sucedieron en la segunda quincena de enero.

Sugieren aplicar la vacuna contra la fiebre aftosa en forma subcutánea

Febrero 14, 2018 El fin es evitar abscesos que generan pérdidas importantes por decomisos en la carne

La sugerencia de aplicar la vacuna contra la fiebre aftosa de modo subcutáneo, en lo posible en la tabla del cuello, con el fin de evitar abscesos en los puntos de inyección (generan en la cadena agroindustrial involucrada pérdidas importantes por decomisos en la carne), es la principal novedad en el marco de este nuevo período de dosificación, que comienza este jueves 15 y se extenderá hasta el jueves 15 de marzo.

Desde los Servicios Ganaderos del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP) se informó a El Observador Agropecuario que se trata del período más importante, porque se vacuna a todas las categorías del rodeo bovino nacional, lo que sucede una vez al año.

Es, se entiende a nivel oficial y privado, uno de los emprendimientos clave para el sostenimiento del muy buen estatus sanitario que posee Uruguay, puntualmente en este caso como país libre de fiebre aftosa con vacunación, lo que ambientó el acceso de las carnes vacunas producidas en el país prácticamente a todos los mercados del mundo, entre ellos casi todos los de alto valor.

A propósito de recomendaciones, también se trasladó a los productores y a los profesionales veterinarios que los asisten el consejo de utilizar la aguja adecuada para aplicar la vacuna en forma subcutánea (no se ha prohibido hacerlo vía muscular, cabe precisar).

En otro orden, se pide especial cuidado con el mantenimiento de la cadena de frío, tanto desde el lugar de retiro de la vacuna hacia el establecimiento como dentro del establecimiento cuando se la traslada hacia la zona de las mangas donde está el ganado. Poseer elementos apropiados para que las dosis no pierdan la cadena de frío y por ende su efectividad es exigido, por lo que se debe presentar la persona que retire las vacunas con conservadora con hielo o refrigerante.

La higiene y la calibración de las jeringas es también un aspecto clave.

Otro es el manejo del ganado, moverlo en horas en las que no haga calor, con acceso sencillo al agua y sin aturdirlos, de modo de generar el menor estrés posible en ellos.



Desde el MGAP se informó que para este período se distribuyeron 15 millones de dosis, lo que establece un excedente importante en relación a la necesidad, considerando que el rodeo actualmente involucra a unos 12 millones de vacunos.

El segundo y último período también se corrió 15 días y se hará del 15 de mayo al 15 de junio, involucrando en ese caso a todos los vacunos menores de dos años.

Finalmente, se pide a los productores no olvidar presentarse en la zona de distribución de las vacunas con la documentación correspondiente.

Las dosis, para quienes no las han retirado, están disponibles en las Regionales Departamentales del MGAP y serán entregadas a los titulares con la Declaración Jurada de Dicoose vigente, la Planilla de Control Interno de Existencias y de Control Sanitario.

También se precisó que durante el período comprendido entre el 15 de febrero y el jueves 1º de marzo inclusive no se podrán realizar eventos de concentración de bovinos (tales como remates feria, exposiciones, etcétera).

Permiso de pastoreo

La Dirección General de los Servicios Ganaderos del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca autorizó a productores cuyos establecimientos se encuentren afectados por déficit hídrico en los departamentos de Artigas, Salto, Tacuarembó, Paysandú y Durazno a realizar el pastoreo de animales en la vía pública. Los productores deberán gestionar la autorización ante las oficinas de Sanidad Animal ubicadas en dichos departamentos. Se trata de una medida que se extenderá durante 30 días (se activó el 8 de febrero) y surge debido a la situación climática imperante, se indicó. De no modificarse esto, la autorización se extenderá.

PARAGUAY

ARABIA SAUDITA Informe preliminar positivo de la reciente auditoría

14 de Febrero de 2018 El informe preliminar de la auditoría de técnicos sanitarios de Arabia Saudita es positivo y alentador, manifestó el titular de Senacsa (Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal), Hugo Idoyaga.

Los técnicos que estuvieron son Faisal Al Mohaitheef y Abdulaziz Al Saif. La auditoría concluyó su labor ayer luego de visitar la semana pasada establecimientos ganaderos, frigoríficos y laboratorios.

“Hoy (por ayer) tuvimos la evaluación final preliminar, producto de la verificación realizada la semana pasada y el lunes a industrias frigoríficas, avícolas, de bovinos y establecimientos ganaderos”, expresó Idoyaga.

Comentó que en la actualidad Paraguay tiene autorización para exportar a Arabia Saudita animal vivo, bovinos y ovinos, pero no carne refrigerada o congelada. Indicó que en eso están trabajando actualmente porque la especialidad de nuestro país es la exportación de carne.

“En general es un informe bastante positivo. No hay prácticamente situaciones que puedan alarmar, en el sentido de una preocupación por no habilitar las industrias frigoríficas. Hubo observaciones muy puntuales, pero en ningún caso descalificadoras. Quedamos pendientes en enviar más información. Eso es para facilitarle la elaboración de sus informes y tener más clara la película de la situación sanitaria animal del país y las plantas industriales”, dijo Idoyaga.

El informe final de la auditoría estará concluido dentro de los tres a seis meses venideros.

Mermó la exportación de carne

13 de Febrero de 2018 En enero de 2018 se exportó 10,04% menos de carne paraguaya que en enero de 2017, según informe preliminar del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), divulgado ayer. Al respecto, el presidente de la Cámara Paraguaya de Carnes (CPC), Juan Carlos Pettengill, dijo que eso se debe a la poca oferta de animales por el periodo de vacunación y también por las lluvias que impidieron que animales lleguen a los centros frigoríficos para faena.

El informe del órgano sanitario estatal refiere que del 1 al 31 de enero de este año se exportaron 33.711 toneladas de productos y subproductos de origen animal; 10,04% menos que en el mismo lapso de 2017, que fue de 37.475 toneladas.

La merma en el envío de carne paraguaya al extranjero también provocó la disminución del ingreso de divisas al país. Del 1 al 31 de enero de este año ingresó por la exportación de carne U\$S 99.657.270, 10,22% menos que en el mismo periodo de 2017, que fue de U\$S 111.002.267.

La disminución en la exportación fue debido a que hubo menor oferta de animales terminados, paralización de la hacienda por vacunación de bovinos contra fiebre aftosa y brucelosis y por las constantes lluvias de las últimas semanas. Todo eso imposibilitó la llegada de animales para faena a los frigoríficos, dijo ayer a este diario el titular del gremio, Juan Carlos Pettengill.



Indicó que todo eso también contribuyó a que Paraguay tenga el precio más alto de los países de la región. “Esperamos que en la segunda quincena de febrero y marzo, antes de la Semana Santa, se normalice y que podamos cerrar el primer trimestre igual que en el 2017”, manifestó Pettengill.

En enero de este año Rusia le desplazó a Chile en cuanto a ser el mayor comprador de carne paraguaya. Chile por varios meses el año pasado fue el principal comprador de la proteína roja. Israel también desplazó a Brasil del tercer lugar del ranking de compradores de carne paraguaya. Taiwán también desplazó del 6º lugar a Irán en ese ranking.

BR pie de articulos 01_01_18

TAIWÁN, habrá arancel cero para 54 productos desde marzo, entre ellos la carne bovina

14 de Febrero de 2018 Desde el 1 de marzo próximo se hará efectivo el acuerdo de arancel cero para ingreso de 54 productos industrializados paraguayos a Taiwán. Entre estos productos, la carne bovina, según confirmó ayer el embajador de dicho país, Alexander Tah-ray, tras una reunión con la ministra Lea Giménez en Hacienda.

“Me complace mucho el anunciar que el acuerdo económico que firmamos el 12 de julio del año pasado ha dado avances importantes y ya hemos completado el proceso administrativo y en ambos casos ya aprobados por los respectivos congresos de cada país”, indicó el embajador tras reunirse con la ministra Lea Giménez.

El diplomático taiwanés precisó que a partir del 1 de marzo del corriente año ya tendrá efecto pleno el acuerdo comercial para que 54 productos paraguayos industrializados, incluyendo la carne de res, leche en polvo, jugo de frutas, almidón de mandioca, pisos de parquet y otros puedan ingresar a Taiwán con arancel cero.

Solo en el rubro cárnico, este acuerdo de arancel cero generará un ahorro de aproximadamente 10.000 dólares por contenedor de carne enviado a Taiwán, según estimaciones del sector.

Con miras a encaminar los procedimientos a seguir, el embajador Alexander Tah-ray comentó que hay dialogado con autoridades de Hacienda y del Ministerio de Industria y Comercio (MIC) sobre estos puntos a fin de preparar a empresarios de ambas partes. Es necesario que ellos sepan cuáles son los procedimientos, las ventajas y oportunidades que ofrecen cada acuerdo comercial, expresó el diplomático.

Al respecto, una misión técnica taiwanesa que llegó a Paraguay este lunes también vino a explorar el sector lácteo, por lo que se concretaron reuniones con autoridades del Ministerio de Agricultura y Ganadería (MAG), la Federación de Cooperativas de Producción (Fecoprod) y las industrias lácteas.

El acuerdo comercial aprobado el año pasado por el Congreso establece, entre otros puntos, apoyo para el desarrollo en los campos agrícolas y actividades agroindustriales, ingeniería y construcción, química, farmacéutica, automatización y robótica, irrigación y telecomunicaciones.

Acuerdo UE-Mercosur afectará, advierte UIP

15 de Febrero de 2018 La firma del acuerdo Unión Europea-Mercosur, prevista para marzo próximo, hasta donde se puede saber, afectará a la industria paraguaya, aunque no se conocen todos los aspectos de las negociaciones, advirtió ayer el presidente en ejercicio de la Unión Industrial Paraguaya (UIP), Arq. Luis Tavella. El dirigente de la industria nacional debatió ayer con representantes de los sectores sindical, cooperativo, importadores, productores, entre otros, en el marco del foro consultivo del Mercosur, en el local del gremio.

“Se abrirá el tema de las compras públicas a las empresas europeas y se perderá el 20% de margen de preferencia para productos nacionales. Vamos a competir con grandes industrias, se va a perder el tema de patentes y serán perjudicados las pymes, los rubros farmacéuticos, lácteos, entre otros”, señaló Tavella.

Comentó que la firma del acuerdo está siendo impulsada por la Cancillería en forma política, dejando de lado los intereses del sector privado.

También informó que mañana desde las 9:00, en el local de la UIP, se desarrollará una reunión con representantes de gremios industriales de Argentina, Brasil y Uruguay, para analizar las consecuencias del acuerdo con la UE.

ACUERDO UNIÓN EUROPEA - MERCOSUR

Entidad europea solicita que se proteja al sector agropecuario en las negociaciones

16 February 2018 EU - Copa and Cogeca sent a letter to EU Commission President Jean-Claude Juncker yesterday opposing the EU move to give further concessions on agriculture in return for gains in other economic sectors to the Latin American Trade bloc Mercosur.

Copa President Joachim Rukwied said: "The EU has already given a lot on agriculture to the Mercosur countries in the trade negotiations, without getting much in return.

"It is unacceptable that the EU is increasing its offer on agriculture in the talks.



"Trade concessions must be minimized for our more sensitive sectors, namely beef, sugar, poultry, ethanol, rice and orange juice imports to the EU."

Cogeca President Thomas Magnusson warned: "We already import substantial amounts of agricultural produce from these countries and get no reciprocity from them.

"We need balanced trade agreements which respect our production methods.

"In view of the uncertainties in the Brexit talks, as well as discussions on the future Common Agricultural Policy (CAP) and EU budget, we urge the EU not to make concessions on agriculture in the talks.

"Any further attempts to sell off agriculture in the trade talks will jeopardise growth and jobs in rural areas which runs counter to the EU strategy of reviving rural jobs in Europe."

ESTADOS UNIDOS

Proyectan aumento de la producción de carnes bovinas en 2018

12 February 2018 US - The monthly USDA supply / demand projections of food commodities (WASDE) contained a number of interesting insights but there were two specific points that we were most interested in, reports Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

First, what the feed supply situation is around the world and potential impact this may have for livestock and poultry producers this year. Second, if USDA made any significant changes to its estimates for beef and pork consumption this year given the robust pace of exports and a lower calf crop in 2017.

Feed supplies: USDA normally does not change its corn production estimates in a February report. However, there was a notable change in projected corn exports, reflecting the pace of shipments to this point and the potential impact that tighter global supplies and a weaker US dollar will have down the road. USDA increased its corn export projection by 125 million bushels (+6.5 per cent) compared to its January estimate.

Ending stocks were lowered by a similar amount and were down 5 per cent compared to what was forecast in January.

Global corn production was also revised lower, largely due to a sharp cut in production forecasts for Argentina. Argentine corn production is now forecast to be 39 million MT, down 3 million MT compared to the January forecast (7 per cent reduction).

While Argentine production is significantly smaller than the US, it is a major global corn exporter and the reduction in output is expected to directly impact how much Argentine producers will be able to sell in the global market.

Argentine corn exports are now projected to be 27.5 million MT, 5.2 per cent less than previously forecasted. The loss of Argentine supply in the global export market is expected to come out of already quite large US stocks.

Global corn ending stocks are currently forecast to be 203 million MT compared to near 230 million MT last year and 215 million MT the year before. At the same time, global livestock and poultry supplies have been expanding and meat protein demand is expected to support higher consumption levels in 2018 and 2019.

Current global supplies still remain adequate but they have declined at a faster pace than previously expected. Often we tend to focus on US corn supplies, which remain quite large from a historical perspective.

However, the recent events in Argentina underscore how quickly the situation can shift. Weather conditions in North America and Europe this coming spring/summer will be critical for feed and ultimately livestock markets.

Meat consumption: USDA lowered its per capita consumption number for 2018 while revising higher its 2017 estimate. Current forecast is for US beef consumption in 2018 to increase by 4 per cent compared to January when consumption was forecast to increase by 4.5 per cent.

The decline in per capita beef consumption was a result of a modest downward revision in beef production (-35 million lb.) and an increase in beef exports (+40 million lb.). USDA still expects beef production to increase by 5.9 per cent in 2018, with production in Q2 forecast to be up 12 per cent.

Despite higher consumption numbers fed cattle prices were slightly higher in 2017. USDA expects only a modest decline in fed cattle prices in 2018, with the mid-point of USDA fed cattle projections now at \$118/cwt, 2.9 per cent less than in 2017.

Pork supplies are expected to post strong growth in 2018 but, as with beef, USDA now has a more positive view of demand and thus the price response is expected to be quite modest. USDA lowered pork production by 75 million lb. from the January forecast but still expects production to be up 5 per cent Y/Y and per capita consumption is forecast to increase 3.4 per cent vs. year ago.



COREA DEL SUR: fue capital en el incremento de las exportaciones de carnes bovinas

USMEF February 13, 2018 U.S. pork exports to South Korea were up 28% in volume, to 173,182 metric tons, in 2017.

South Korea has been one of the top-performing markets for U.S. beef and pork over the past year. U.S. Meat Export Federation (USMEF) Korea Director Jihae Yang explains that the U.S. industry has been very successful in rebuilding consumer confidence in U.S. beef, and that many Korean retailers and restaurants that were once reluctant to carry U.S. beef now feature it without hesitation. A good example is Costco-Korea, which last year converted the chilled beef selection in all of its warehouses from Australian to U.S. product.

U.S. beef exports to Korea were up 3% year-over-year in volume (to 184,152 metric tons) and jumped 15% in value to a record \$1.22 billion. Chilled beef exports achieved even more rapid growth, increasing 73% in volume (45,153 metric tons) and 78% in value (\$405.8 million) compared to 2016.

Yang also discusses the success of U.S. pork exports to Korea, which soared 28% in volume (to 173,182 metric tons) in 2017, valued at \$475 million – up 30% year-over-year and the second-highest on record. Korea's per capita pork consumption set another new record last year, with demand fueled in part by a growing preference for protein-centric convenience foods and home meal replacement items.

Sector ganadero enciende una alarma por la carne “cultivada” – Analisis de sus implicancias

By Chase Purdy February 12, 2018 A major sector of the American meat industry is finally taking aim at cell-cultured meat, sparking what promises to be a spirited debate over the future of high-tech meat and how people will buy it.

The US Cattlemen's Association (USCA) has filed a 15-page petition (pdf) with the US Department of Agriculture, asking it to differentiate conventional meat from the cell cultured—known in the industry as “clean meat”—by creating a formal definition. As laid out in the petition, the cattlemen say they envision a definition for “beef” that reads something like this:

[The government] should require that any product labeled as “beef” come from cattle that have been born, raised, and harvested in the traditional manner, rather than coming from alternative sources such as a synthetic product from plant, insects, or other non-animal components and any product grown in labs from animal cells.

Further, the association asked the department's Food Safety and Inspection Service (FSIS) to narrow the definition of “meat” to the flesh of animals that have been harvested in the traditional way. Earlier this month, another large and powerful industry group, the National Cattlemen's Beef Association, listed “fake meat” as one of its five main priorities for 2018 and vowed to “protect our industry and consumers from fake meat and misleading labels.”

In asking “meat” to be defined, the nation's ranchers are signaling they're ready to force a fight that has, until now, only been whispered about within the broader industry. It marks an important moment, one that promises to pit Silicon Valley foodie futurism against longtime food-industry players.

The Good Food Institute, a nonprofit organization that supports and lobbies on behalf of meat- alternative companies, questions whether the cattlemen filed their petition with the correct federal agency. It remains unclear which government office will regulate clean meat, but the US Food and Drug Administration—not the Department of Agriculture—is the clear regulator of plant-based food labeling. The institute says government food definitions should not be used to police competition.

“It seems like they're trying to meddle in the free market,” Jessica Almy, policy director at the institute, tells Quartz.

An industry split over methods

Battle lines over the issue won't be neatly drawn. The meat industry is as large as it is complex, comprised of farmers, ranchers, feedlots, slaughterhouses, and more. Because of the way the beef, pork, and poultry industries are individually arranged, it is not a given that they will align on the issue of clean meat.

That's because poultry production and much of pork are vertically integrated—major processors such as Tyson Foods, Cargill, and Pilgrim's Pride own their animals at birth and hire contractors to deliver them up the supply chain to slaughterhouses.

In recent months, Tyson Foods and Cargill have invested in clean meat startups, drawn to the technology for its efficiencies and consumer interest. It is conceivable that pork and poultry trade groups will be less likely to speak out against the technology.

The beef industry, more fragmented, is very different. A constellation of ranchers across the US own their animals. They feed them, raise them, and then sell them at auction to feedlots, which in turn sell the animals to meat packers. Ranchers, less beholden to the interests of the major companies, are theoretically more likely to voice their concerns about the rise of clean meat and its potential threat to their livelihoods.



It's too early to say whether pork and poultry producers will fall in with them. The National Pork Producers Council tells Quartz the organization has yet to discuss the issue in a formal way, and that it might come up at its annual meeting later this month in Kansas City, Missouri.

"We do recognize that this is something that's out there and it's one of those things that, like other issues, we'll want to get ahead of it and not just react to it," said spokesman Dave Warner.

Likewise, the National Chicken Council has not staked a position, either. "This is an issue that is on our radar screen, but we do not have an official policy at this time," spokesman Tom Super wrote in an email.

Clean meat has gotten an increasing amount of attention as startup companies around the world have edged closer to getting a product to market. An analyst at Rabobank, one of the world's largest agricultural-commodity banks, published a report that said usurping just 5% market share from conventional meat would make clean meat a viable product.

A question of free speech?

Once the US government does sort how clean meat is regulated, any definition of "meat" should not prohibit a clean meat company from using the term, Almy says, contending it would be out-of-line for the government to interfere with a producer's ability to put labels on packages to clearly communicate to consumers.

"This new petition...runs afoul of the First Amendment," she says. "In some ways it's insulting. It's really clear that it's commercial speech, and it's a lot like the the soy-milk debate. These producers have a First Amendment right to label their products clearly and in a way that consumers can understand.

In some ways, the debate over labeling and definitions is a compliment to the meat-alternative market because it means they have become imposing enough to get onto the radars of once-unassailable industries. Still, it would be wrong to try and police competitors by asking the government to create restrictive food definitions, Almy says: "If they really think their products are superior, then it should sell on its merits."

The Good Food Institute says it plans to file a formal response to the cattlemen's petition soon.

Murphy: What Do We Call Alt-Meat?

February 16, 2018 Should alternative meat products be called meat? At least one livestock group says no. (iStock)

I will admit that I'm as guilty as the next journalist of spending untold hours and thousands of words explaining, analyzing and putting into perspective the R&D and marketing of the new category of alt-meat products.

These admittedly innovative creations range from cultured tissue derived from animal substrates and grown under lab conditions to biologically resemble animal flesh, to plant-protein formulations that mimic the texture and mouthfeel of chicken, beef or pork.

While these high-tech, high-cost and highly processed products represent a truly revolutionary scientific application — a development unknown a mere decade ago — they are being championed by multiple media members as the solution to everything from animal abuse to climate change to energy security.

Which they're decidedly not.

Now, an industry association is determined to make sure these alt-meat products don't get to claim that they're "meat."

The U.S. Cattlemen's Association, which said the group is responding to the concerns of its members, has petitioned USDA to issue stricter labeling standards so that these lab-grown, plant-based analogues cannot be labeled as "meat" in supermarkets and grocery stores.

In a filing titled, "Petition to Establish Beef and Meat Labeling Requirements: To Exclude Product Not Derived Directly from Animals Raised and Slaughtered from the Definition of 'Beef' and 'Meat,' " the association offered the following argument:

"USCA [U.S. Cattlemen's Association] has long advocated for additional beef labeling requirements to better inform consumers. [S]ome major U.S. meatpackers and companies in other countries are heavily investing in creating alternative products that may resemble in appearance and taste beef products, including synthetic 'beef' and 'beef' grown in laboratories using animal cells, known as 'in vitro' meat, 'bio meat,' 'clean meat,' or 'cultured meat.'

"Such products, which are not derived from animals born, raised, and harvested in the traditional manner, should not be permitted to be marketed as 'beef,' or more broadly as 'meat' products. The labels of 'beef' or 'meat' should inform consumers that the product is derived naturally from animals..."

Your Move, USDA

Although crafted in the language of American Legalese, USCA's petition makes sense, both from a regulatory standpoint and from the perspective of marketplace fairness.

As a regulatory agency, USDA and its Food Safety and Inspection Service (responsible for labeling of animal foods) has the duty to strictly monitor and rigorously enforce what are called Standards of Identity.



Whether it's butter, bacon or beef, consumers have the right to know that product labels using those terms refer to specific food products with specific characteristics that never vary.

As explained in the USDA/FSIS "Food Standards and Labeling Policy Book," the descriptive terms being appropriated by the alt-meat start-ups are clearly in violation of its own rules, which state that, "For purposes of this Policy Book, whenever the terms beef, pork, lamb, mutton, or veal are used they indicate the use of skeletal muscle tissue from the named species (9 CFR 301.2)."

More to the point, the rationale for regulating food labeling terminology also stems from the need to make sure consumers get what they pay for, that they can have faith in the descriptions of the foods they buy.

That's why food marketers use phrases such as "made with real butter," or "contains real cheese." The substitutes for those ingredients (made from many of the same plant-based functional ingredients used in alt-meat products) are not only less desirable from a sensory or flavor perspective, but they often cost less and would thus confer an unfair advantage on companies if they were allowed to market foods that didn't have to conform to identity standards.

One final observation: There are checkoffs for beef and pork that fund research, marketing and promotional initiatives to position red meats as the wholesome, nutritious foods that they are. Why should these meat analogue entrepreneurs, who love nothing more than boasting about how Bill Gates, Richard Branson and other billionaires are totally turned on about their innovative products, get to piggyback on the hard work that checkoff dollars are funding to promote real meat products in the marketplace?

Now the ball is in USDA's court to enforce its own rules and make sure the alt-meat makers have to be equally innovative about the names they intend to give to their products.

VARIOS

CHINA Fuerte aumento en los precios de productos agropecuarios y alimentos

13 February 2018 - China's farm produce prices rose at a faster pace in the week ending Feb 11, the Ministry of Commerce said Tuesday.

The price index for farm produce went up 2 per cent in the past week, compared with a 0.9-per cent expansion the previous week. The index for production materials edged down 0.3 per cent.

Food prices normally rise as Chinese people make purchases to prepare for holiday feasts before the Spring Festival, or the Chinese Lunar New Year, which falls on 16 February this year.

The wholesale price of beef and lamb rose 1.1 per cent and 1.2 per cent, respectively, while that of pork edged down 0.8 per cent.

The wholesale price of eggs increased 1 per cent.

Food accounts for about one-third of China's consumer price index (CPI).

China's CPI rose 1.5 per cent year-on-year in January, down from December's 1.8 per cent, and well within the government target of around 3 per cent.

RUSIA: confirmó foco de AFTOSA

13 February 2018 - Dr Evgeny Nepoklonov, Vice-minister at the Ministry of Agriculture in Moscow has reported an outbreak of foot and mouth disease at a farm located in Zabaykalsky Krai, affecting cattle.

The outbreak reportedly started on 1 February and later confirmed on 9 February after a reverse transcription - polymerase chain reaction (RT-PCR) test was carried out at the All-Russian Research Institute for Animal Health (FGBI-ARRIAH), reference laboratory for the World Organisation for Animal Health (OIE).

The OIE received an immediate notification on Monday, 12 February, stating that the causal agent was found to be the FMD virus, serotype O.

According to the report received, 85 animals were found to be susceptible as well as infected. However, none of the animals have been euthanised or slaughtered.

EMPRESARIAS

Murió el fundador de Minerva Foods

16/02/2018 - Las plantas en Uruguay de la empresa Minerva Foods, que son Minerva PUL y Minerva Carrasco, retoman hoy las faenas luego de tres días de paralización.

La detención de las faenas se debió al fallecimiento de Antonio Vilela de Queiroz, uno de los fundadores, socio y miembro del consejo administrativo de Minerva Foods. El ejecutivo falleció a los 68 años el pasado miércoles, en la ciudad de San Pablo.

El presidente de la Compañía, Fernando Galletti de Queiroz, declaró luto oficial de tres días y dispuso que, en homenaje al desaparecido fundador del grupo Minerva Foods, no habría actividades Industrial ni Corporativa. El grupo es un fuerte exportador de carne a los mercados más selectos.



McDonald's aumentará la oferta de pollo en su menú

15/02/18 - por Equipe BeefPoint Esqueça os sanduíches de frango de antigamente. O McDonald's tem um plano para se tornar o novo rei do frango.

Décadas após adicionar sanduíches de frango a seu cardápio, a empresa dos arcos dourados transformou em uma de suas prioridades a meta de ser “digna de crédito no quesito frango”, segundo documentos internos do McDonald's vistos pela Bloomberg News.

O codinome do projeto: “Better Chicken”, ou “Frango Melhor”.

A iniciativa — delineada em carta aos franqueados, que operam cerca de 90 por cento dos restaurantes da marca nos EUA — visa a prolongar a sequência de crescimento de três anos buscando uma semelhança maior com a rede Chick-fil-A.

O McDonald's já adotou medidas para melhorar seus produtos de frango, há tempos vistos como parte útil do cardápio, apesar de pouco inspirados. A rede prometeu deixar de servir frango com antibióticos e retirou conservantes artificiais dos nuggets. Além disso, lançou sanduíches e iscas de frango preparados com o estilo do sul dos EUA, que são crocantes e feitos com farinha de rosca e soro de leite coalhado, de forma semelhante ao servido no Chick-fil-A.

A ideia agora é avançar com base nessa iniciativa e estabelecer o McDonald's como um dos principais restaurantes de frango — e não apenas de hambúrgueres.

“Definitivamente, esta é uma era de transformação para o McDonald's”, disse Jason Moser, analista da Motley Fool. “O frango faz parte disso.”

Há muito em jogo, especialmente porque os consumidores estão comendo mais frango do que nunca. No ano passado, consumiram em média 41 quilos, contra menos de 25 quilos de carne bovina, segundo estimativas do Departamento de Agricultura dos EUA. Ao mesmo tempo, a Tyson Foods e outras produtoras de frango estão investindo em novas plantas de processamento, apostando que essa proteína ganhará ainda mais importância na dieta dos americanos.

Carne vermelha

O frango tem fama de ser mais saudável, o que ajuda a impulsionar a tendência, disse Moser. Muitos americanos estão limitando a quantidade de carne vermelha consumida, por isso a oferta do McDonald's, tradicionalmente focada no hambúrguer, pode perder relevância.

“Faria sentido criar um cardápio com mais frango”, disse.

A iniciativa “Better Chicken” pode envolver a venda de frango com sabor de frito à pressão, segundo a carta enviada aos franqueados. A técnica é conhecida por criar uma casca crocante e um interior suculento. Esta abordagem também é usada pela rede Chick-fil-A.

O McDonald's, que tem sede em Oak Brook, Illinois, preferiu não comentar os detalhes da carta. Mas a adição de novos alimentos “é uma das muitas formas adotadas para transformar a experiência McDonald's”, disse a porta-voz Terri Hickey, por e-mail. “Estamos comprometidos em gerar ainda mais entusiasmo com os principais itens do cardápio que nossos clientes adoram — inclusive dos produtos com frango.”

Chris Kempczinski, presidente do McDonald's nos EUA, disse no ano passado que a empresa estava reavaliando seus produtos de hambúrguer e de frango em uma tentativa de melhorar a qualidade. A iniciativa inclui de tudo, “das proteínas que usamos aos equipamentos de nossas cozinhas e aos procedimentos de preparação”.